



INDÍCIOS DE UMA PRÉ-HISTÓRIA DE BRASÍLIA

Atribuir-se ao Marquês de Pombal "a mais antiga idéia de localizar no sertão a Capital do Brasil" é inseguro. Há indícios. Mas, a História não os confirma.

Da mesma forma, não se pode conceder ao cartógrafo Francisco Tossi Colombina o privilégio de ter sugerido a construção de uma cidade no interior para servir de Capital e a mudança da Capital para essa região. Os documentos não atestam essa afirmativa.

Daí não poder-se incluir nem o Marquês nem Colombina na História como as primeiras fontes inspiradoras ou idealizadoras da interiorização da Capital do Brasil, face à insegurança de informações e provas. Por cautela, o muito que se pode fazer é citar seus nomes numa fase pré-histórica da idéia de interiorização da Capital.

O MARQUÊS DE POMBAL

Quem levantou primeiro a hipótese de uma possível participação do Marquês de Pombal no ideal de interiorização da Capital foi Alexandre José de Melo Moraes, na sua "História da Trasladação da Corte Portuguesa para o Brasil", mas teve o cuidado de usar a expressão "talvez".

A mesma hipótese é, igualmente, aventada pelo Visconde de Taunay, em sua "Cidade do Ouro e das Ruínas".

Inspirado nas suposições levantadas por Melo Moraes e outros, o deputado Urbano de Gouveia, em 1896, fez uma referência segundo a qual "Pombal também sonhava com a interiorização".

A suposição dessa possível participação de Pombal no ideal de interiorização da Capital nasceu, sem dúvida, de uma confusão na interpretação das expressões "mudança" da Capital e "interiorização" da Capital. Pombal, realmente, e, mesmo anterior a ele, outros, em Portugal, pensaram na "mudança" da Capital, de Salvador para outro local: Recife, Rio ou Belém do Pará.

E os intérpretes dos fatos talvez tenham se equivocado, igualmente e mais uma vez, com outra expressão: "central". Pombal e a Corte pensavam numa

Capital "central". Este central não quer dizer que fosse central no centro do Brasil, ou seja, interiorana. Não.

À propósito, vale recordar que com a divisão do principado do Brasil em dois Estados - o do Grão Pará e o do Brasil, propriamente dito -, a Capital em Salvador, na Bahia, mais para o Norte, ficou um "tanto deslocada como Capital, surgindo, daí, a idéia e o propósito de se tratar de "uma cidade mais central" que pudesse acudir melhor e mais prontamente os assuntos desde o Cabo de São Roque até a colônia do Sacramento, no extremo sul. E foi o que ocorreu: os enviados da Corte viram no Rio um "ponto central" entre São Roque e Sacramento. Pombal na qualidade de Primeiro Ministro de D. José I também pensava na "centralização" da Capital.

Estes fatos aliados às expressões "mudança" da Capital e ponto "central" ensinaram os equívocos em que, um após outro, inidiram muitos brasileiros, a maioria dos quais baseando-se, sem dúvida, nas referências e citações que os antecediam.

FATOS PARALELOS

O nome do Marquês de Pombal deve ser ligado, sim, à mudança da Capital de Salvador para o Rio. Aliás, este ideal mudancista durou quase um século.

No Século XVII, D. João IV fez um "roteiro" concebendo o traspasso da Corte Portuguesa para Recife e não Salvador, que era a Capital - segundo Visconde Cairu e Padre Vieira.

Admita, assim, o Rei de Portugal a idéia da mudança da Capital, de Salvador para Recife, simultaneamente com a instalação da Corte ali.

Da mesma forma pensava a Rainha D. Luísa de Gusmão, viúva de D. João IV. Pretendia também a Rainha Regente a trasladação da Corte, de Lisboa para o Brasil, mas que a Capital fosse em Recife. Tanto assim que mandou Francisco de Brito Freire para Recife a fim de ir preparando as instalações para a Corte.

Verifica-se, desta maneira, que já no

Século XVII havia, em Portugal a idéia de se mudar a Capital do Brasil Colônia, situada em Salvador. Todavia, não havia o objetivo de interiorizá-la, pois seria transferida para outra cidade também litorânea, Recife.

A época, o único fato relacionado a "interiorização da Capital" diz respeito exclusivamente aos pernambucanos que pensaram em mudar sua Capital do litoral para o interior.

O governador João Fernandes Vieira, por duas vezes - uma em 1652 e outra em 1654 -, sugere duas regiões "as mais longe do mar" para Capital da Capitania de Pernambuco. Tendo sido um dos mentores principais, senão o principal, da expulsão dos holandeses, João Fernandes Vieira via na posição litorânea da Capital da sua Capitania um perigo permanente ante a cobiça estrangeira. Mas, se tratava de uma Capital de Capitania.

TOSSI COLOMBINA

A presença do cartógrafo e geógrafo Francisco Tossi Colombina nas regiões interioranas brasileiras, no início da década de 50 do Século XVIII, percorrendo-as e mapeando-as e até sugerindo uma estrada interligando Santos-São Paulo a Cuiabá de Mato Grosso passando por Vila Boa de Goiás, - oferece um indício de que estivesse, provavelmente, cumprindo uma missão oficial. No caso, uma missão recomendada pelo Marquês através do Governador da Capitania de Goiás, Dom Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos.

Muito embora Colombina tenha afirmado, em carta datada de 1756, que "estes (os estudos cartográficos) como os antecedentes, foram feitos sem o mínimo dispêndio da Real Fazenda", há uma forte informação de que Colombina viajou para a Capitania de Goiás por iniciativa do Conde dos Arcos, segundo Jaime Cortesão na sua obra "Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri".

OFICIAL OU PARTICULAR

A declaração de Francisco Tossi Colombina suscita algumas dúvidas no que diz respeito ao caráter particular de

suas missões ao interior do Brasil, "sem o mínimo dispêndio da Real Fazenda".

É sabido que Tossi Colombina exerceu a função de professor de Geografia em Lisboa, provavelmente no Colégio dos Nobres. Sabe-se, igualmente, que lecionou Geografia ao Secretário de Estado do Ultramar, Tomé Joaquim da Costa Côrte Real, a quem em carta, lhe recordou o fato de ter sido seu mestre, ao afirmar "... como com tanta benignidade pode ouvir algum tempo as minhas lições em Geografia e me honrou com o título de seu Mestre".

Ademais, Colombina, após suas viagens pelas regiões interioranas, encaminhava seus estudos e mapas ao representante de Pombal, o Conde dos Arcos, então Governador da Capitania. E os fazia e os assinava na sede da Capitania, em Vila Boa de Goiás. Além dos caminhos aqui citados, sugeriu também alguns caminhos ligando o interior até Belém do Grão-Pará.

LIGAÇÕES DE COLOMBINA

Observa-se, pelo visto, uma série de ligações de Francisco Tossi Colombina com os homens da cúpula do Governo chefiado pelo Primeiro Ministro Marquês de Pombal, ao mesmo tempo em que se pode concluir quão dispendioso e quanto cansativo seria a um professor ilustrado de Lisboa realizar viagens de exploração pelo interior do Brasil tão inóspido e tão desértico como era à época, apenas por dilettantismo.

Só um encargo oficial justificaria uma missão de tão grande vulto, pois só nas duas últimas décadas deste Século foi possível ao Brasil estabelecer os caminhos (agora em asfalto) ligando Goiás a Santos e Goiás a Belém do Pará.

O que se pode admitir é que Colombina por um princípio de lealdade ao Marquês ou ao Conde dos Arcos ou mesmo à Corte tenha, até mesmo por escrito, procurado negar o possível caráter oficial de sua missão ao interior do Brasil. No caso, o seu trabalho teria um caráter secreto ligado à segurança da Colônia: "como se sabe, Pombal era um estadista muito cauteloso".

O prestígio de Francisco Tossi Colombina junto a figuras de destaque da Corte é fato que se conclui dessas informações. Haja vista que pediu para si a preferência para a construção da estrada interligando Vila Boa de Goiás a Cuiabá de Mato Grosso e São Paulo - Santos com uma série de vantagens e privilégios e isto lhe foi concedido pelo Conselho Ultramarino, em 1750. Colombina, todavia, não chegou a executar o projeto.

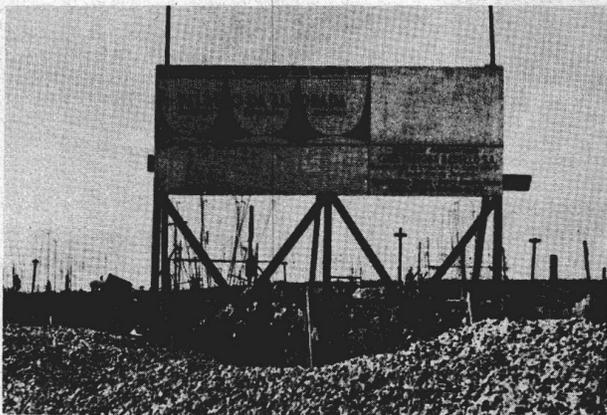
Estes são argumentos levantados pelos que pretendem sugerir a participação de Tossi Colombina no ideal de interiorização da Capital para as áreas do Brasil Central.

O objetivo da presença de Tossi Colombina, em circunstâncias tão especiais, no interior central, mapeando-o e planejando estradas, tinha um sentido estratégico e econômico, em razão das recentes descobertas de ouro em grande quantidade pelo desbravador Bartolomeu Bueno.

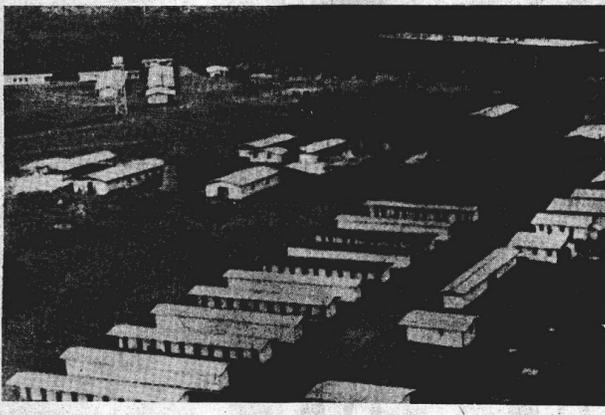
Nada existe nos escritos de Tossi Colombina ou em fontes oficiais que se lhe possa atribuir qualquer parcela de participação no ideal de interiorização da Capital, da Colônia ou da Corte, ao contrário do que muitos procuram supor, inclusive um "Guia Turístico" de Brasília. UM CAPÍTULO A PARTE

Assim, é muito prematuro e até certo ponto leviano, como têm feito alguns, querer incluir quer o Marquês de Pombal quer o cartógrafo Francisco Tossi Colombina nos fatos históricos relacionados com a interiorização da Capital e, conseqüentemente, a Brasília.

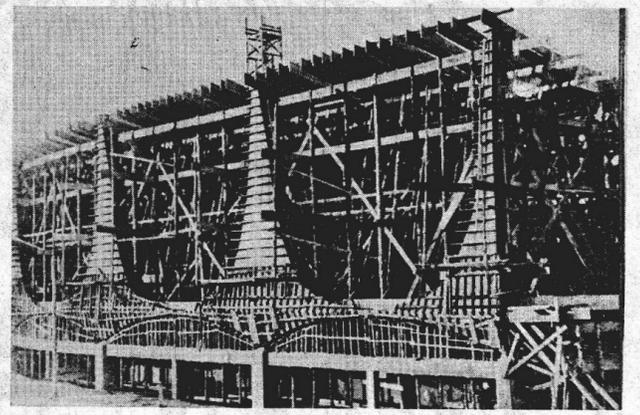
O muito que se pode, e por precaução, é incluir seus nomes numa pré-história do ideal de interiorização da Capital, já que tantos nomes das letras e da política a eles se referem ao longo dos tempos. Nessa condição permaneceriam, aguardando-se que, no passar dos tempos, viesse a lume, ocasional ou através de pesquisas, documentos ou fatos que comprovassem aquelas afirmações e suposições; caso contrário, este capítulo de pré-história seria riscado ou apagado.



1 - No princípio, em abril de 1957, apenas a placa da "Rabelo" para dar cumprimento à maquete de Oscar Niemeyer projetando o futuro "Palácio da Alvorada".



2 - Onde hoje está o grande jardim gramado do Alvorada, ontem os alojamentos dos "candangos" que ergueram o Palácio.



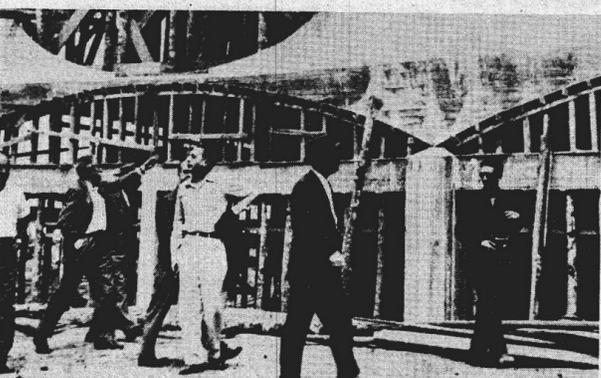
3 - No final de 57, as colunas que serviram de símbolo a Brasília, e grande repercussão no exterior já se haviam levantado.

UM PALÁCIO QUE VIROU UM SÍMBOLO DE BRASÍLIA

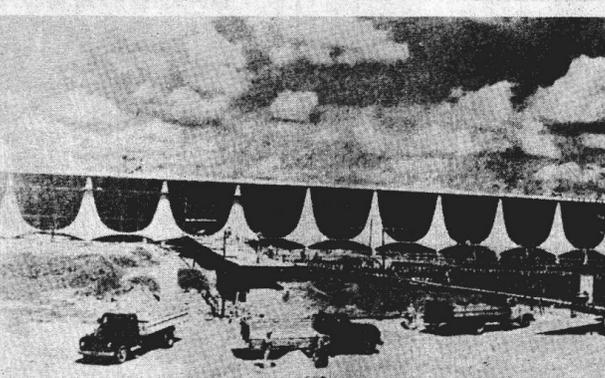
Documentos da Biblioteca Maria Idelsé



7 - E no dia 30 de junho de 1958, o Presidente Juscelino Kubitschek inaugurava a futura residência do Presidente da República: o Palácio da Alvorada. Bandeira descerrada, placa comemorativa, discursos, missa e uma homenagem a Portugal: a entrega das credenciais do embaixador Manuel Rocheta.



4 - As obras do Alvorada eram um ponto de visitação e de turismo. E também de inspeção, à qual não faltava o Presidente Juscelino e o Doutor Israel



6 - Nos meses de maio e junho de 58, os retoques finais e a urbanização da área fronteiriça do Palácio



5 - A aplicação do mármore nas colunas, um trabalho feito com muito esmero.